



**Operadora:**

Bom dia, e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência da CESP para a discussão dos resultados referentes ao 3T09. Estão presentes a presidência da CESP, a Diretoria e assessores.

Informamos que este evento está sendo gravado e todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da Companhia, e, em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas para analistas e investidores, e logo após atenderemos perguntas da imprensa, quando mais instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência, queira, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando \*0.

Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela Internet, via *webcast*, podendo ser acessado no endereço [ri.cesp.com.br](http://ri.cesp.com.br), onde se encontra a respectiva apresentação. A seleção dos slides será controlada pelos senhores. O replay deste evento estará disponível algumas horas após o encerramento.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios da CESP, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da Diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro da CESP e podem conduzir a resultados que diferem materialmente daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora gostaríamos de passar a palavra ao Sr. Wilson Nunes, Chefe da Assessoria de Relações com Investidores da CESP. Por favor, Sr Wilson pode prosseguir.

**Wilson Nunes:**

Bom dia a todos. Muito obrigado pela a sua participação em nossa teleconferência sobre os resultados do 3T09.

Gostaria de iniciar informando que se encontra a mesa o Dr. Jorge Luiz Avila da Silva, eleito pelo Conselho de Administração na reunião do último dia 10 o novo Diretor Financeiro de Relações com Investidores da CESP, em substituição ao Dr. Vicente Okazaki, conforme divulgado pelos meios regulamentados. Também estão conosco o Dr. Guilherme Toledo, Diretor-Presidente, e alguns assessores.

Então, vamos aos dados. No trimestre de junho a setembro de 2009, os indicadores econômicos divulgados confirmaram a rápida recuperação econômica do País, o que representou o aumento de 1,9% em relação ao trimestre anterior. A inflação permaneceu na trajetória esperada; acumulamos até setembro variação de 4,3% e 12 meses.

O Banco Central manteve a taxa Selic em seu nível mais baixo, em 8,75% ao ano. O Real nesse trimestre continuou se apreciando perante o USD, registrando uma valorização de 8,9%.



No âmbito regulatório, continuam existindo grupos de trabalho coordenado pelo Ministério de Minas e Energias, que ainda não se manifestou sobre as renovações das concessões que virão a vencer em 2015, que no caso da CESP, refere-se à Ilha Solteira e Jupia, que juntas representam 67% da nossa capacidade instalada.

No âmbito comercial, os preços de liquidação das diferenças utilizados no mercado spot têm se apresentado em baixa e não há previsão de alterações nessa situação, dados as condições hidrológicas favoráveis.

Dado esse contexto, a Companhia apresentou seus principais resultados, analisados no slide dois, de receita operacional, receita líquida, EBITDA ajustado, resultado de serviços e lucro do trimestre, em valores do 3T e acumulado nos 9M09, que serão comunicados a seguir.

Vamos ao slide três, onde apresentamos as receitas operacionais, que chegaram a R\$739 milhões, quase 6% menores que o mesmo período de 2008, que foi de R\$786 milhões. Essa redução pode ser explicada em partes pela não incidência do ICMS, conforme a alteração da legislação estadual, que causou uma diminuição no valor faturado de cerca de R\$36 milhões.

A queda do faturamento também se justifica pelos preços do mercado spot, que no mesmo período de 2008 eram de cerca de R\$100 por MWh. No trimestre em análise, esses preços estiveram em média a R\$19 por MWh. No acumulado do ano, continuamos positivos, com 4,5%, totalizando R\$2,6 milhões nos 9M09.

O slide também mostra a composição do faturamento da CESP. Houve um aumento de 11% nas receitas do mercado regulado, justificado pelo início do fornecimento em 2009 de produtos vendidos anteriormente em contratos do mercado regulado. Houve uma redução de 6% e 5% nos mercados livre e spot, respectivamente.

Ainda nesse slide, podemos verificar a redução de 1,8% na receita líquida, que diminuiu de R\$657 para R\$645 milhões, reflexo dos fatores comentados.

O slide quatro, mostra um pequeno aumento na quantidade vendida por MWh, resultado da maior quantidade em MWh correspondente ao início do fornecimento de novos do produto, conforme comentado, a partir de 2009, em relação à quantidade representada pela retração do faturamento do mercado livre e do mercado spot.

Também podemos observar que o preço médio aumentou 8,6% de R\$80,92 no 3T08 para R\$87,85 no trimestre em análise, descontado o ICMS. Parte do aumento é explicada pela aplicação das cláusulas de reajustes de preços dos contratos ativos, e principalmente, como já falamos, pelo início da entrega de produtos de contratos já afirmados anteriormente no mercado regulado negociados a preços mais elevados, que estão entrando em vigor no decorrer de 2009.

Passando para o slide cinco, está ilustrado o valor das despesas operacionais, que se mantiveram em linha com o mesmo período de 2008. Mesmo assim, ocorreu um pequeno aumento na sua relação com a receita líquida, de 0,8 p.p., em função da diminuição das receitas.

Indo para o slide seis, vemos uma redução de 3% no EBITDA, que chegou a R\$436 milhões, como consequência da redução do preço no mercado spot e da quantidade



demandada nos mercados livre e spot. Nessa linha, o EBIT também foi reduzido, de R\$319 milhões para R\$309 milhões.

Agora, no slide sete, ilustramos o resultado financeiro do 3T09. Se desconsiderarmos o efeito da variação cambial, verificamos que houve uma redução de 26% nas despesas financeiras do período, reflexo das amortizações realizadas com a redução do endividamento e do comportamento dos indicadores macroeconômicos.

No slide oito, vemos uma projeção de queda 4,4% do endividamento líquido, que chegou a R\$5,483 milhões. A redução foi mais acentuada na dívida denominada em moeda estrangeira em função da apreciação do Real. A dívida em USD representou, ao final do 3T, 34,4% do total do endividamento, ante 35,5% no final do 2T09. A tabela constante do slide nove mostra alguns indicadores econômicos financeiros que podem complementar a análise.

Com isso concluímos a nossa apresentação. Agradecemos novamente a sua participação e abrimos a reunião para as questões que os senhores queiram nos apresentar. Muito obrigado.

**Pedro Manfredini, JP Morgan:**

Bom dia a todos. Wilson, eu queria que você me contasse um pouco mais sobre a aquisição do consumo da demanda do cliente livre. Eu senti que a recuperação ainda está de certa maneira fraca comparada com a recuperação de outras empresas. Eu queria que você comentasse um pouco em cima disso e falasse se você já tem notado para este trimestre uma recuperação nas vendas, que os consumidores livres já estão procurando a CESP para demandar mais energia, exigir aquela parcela do contrato de flexibilização que eles podem demandar a mais ou a menos. Como você tem sentido isso para o 4T? E o que aconteceu no 3T? Se a recuperação está sendo um pouco mais lenta. Obrigado.

**Wilson Nunes:**

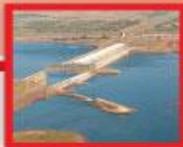
Pedro, o que acontece foi o seguinte: os nossos consumidores livres no 3T ficaram com uma demanda muito baixa. Talvez isso tenha a ver com o *mix* de clientes frente a outras empresas. Então, eu não saberia comparar com outras empresas, mas eu vejo aqui que, no período, julho deste ano no Sudeste, o consumo da carga como um todo caiu 4% em relação a julho do ano passado; em agosto caiu 5% e em setembro praticamente ficou igual a setembro do ano passado nos submercados Sudeste e Centro-Oeste.

Então, nós tivemos uma redução de 9%, e eu diria para você que nós ficamos acima da média, mas estamos falando só de clientes consumidores, grandes consumidores, e aqui estamos falando na carga de energia como um todo. Tem considerado aqui um aumento residencial, que nós sabemos que houve, e aumento do comercial.

Então, para nós a redução foi de 9%, e não sentimos no período, no 3T, uma reação por parte de nenhum cliente com um aumento de demanda. No que diz respeito ao próximo trimestre, por enquanto ainda achamos prematuro emitir uma opinião.

**Pedro Manfredini:**

Está certo, então, muito obrigado.

**Marco Sequeira, Deutsche Bank:**

Bom dia a todos. Duas perguntas. A primeira, em relação à energia das plantas cuja concessão não vence em 2015, vocês já começaram a fazer alguma contratação dessa energia?

E segundo, em relação à dívida, eu tenho notado que vocês têm pagado mais ou menos R\$300 milhões por trimestre; se vocês esperam que no ano que vem continuarão com essa mesma tendência, e se vocês já começaram a ver sobre a dívida que vai vencer em 2011, e qual seria o impacto disso na sua perspectiva de dividendos. Obrigado.

**Wilson Nunes:**

Com relação à venda de energia descontratada, e temos que dizer que diz respeito à Ilha Solteira e Jupia, nós ainda não começamos a vender, porque essas contratações expiram em 2013 e junho de 2015, o que é um prazo relativamente pequeno para comercializar essa energia, em dois anos e meio. Nós estamos é aguardando uma definição da renovação de concessões, e a nossa posição é que continuamos acreditando na renovação, para que possamos vender contratos de longo prazo.

Esse período de 2013, 2014 e 2015 é um período bom para comercializar energia em contratos de médio e longo prazo, porque é quando se espera que os preços venham a ter uma reação. Mas nós ainda não tomamos uma decisão, por que se fôssemos fazer contratos hoje, seriam contratos de dois anos, dois anos e meio, e vindo a renovação, nós ficaríamos presos nesses contratos até junho de 2015. Então, com relação à energia liberada a partir de 2013, nós ainda não tomamos nenhuma decisão.

No que diz respeito a amortizações, a nossa previsão para o ano é uma amortização de R\$1,4 bilhão, e para 2010 e 2011, gira em torno R\$950 milhões. Então, ainda continua um valor elevado.

Não temos ainda uma posição com relação a dividendos, porque como o balanço da CESP é altamente dependente da cotação do USD, se a moeda, se houver uma apreciação ou uma desvalorização do Real até dezembro, pode haver uma mudança significativa na projeção de lucros, e a partir disso é que nós começaremos a pensar em uma política de dividendos.

Em que pese, no nosso caso, é muito difícil falar em uma política de dividendo anual, porque nós temos no nosso estatuto já uma definição para pagamento de dividendos.

**Marcus Sequeira:**

Muito obrigado. Em relação à concessão, eu entendo que não teve nenhuma notícia nova com relação a isso. Vocês têm alguma posição, algum *update* para nos dar sobre a aquisição da concessão?

**Wilson Nunes:**

Não, não temos. Estamos também aguardando. O que nós sabemos é que ainda está em discussão no âmbito do grupo de trabalho o assunto de renovação de concessões;



o grupo de trabalho criado dentro do Ministério de Minas e Energia. Então, não temos novidade nenhuma.

**Marcus Sequeira:**

Está ótimo. Muito obrigado.

**Marcos, Itaú Corretora:**

Duas perguntas, a primeira também é em relação à questão do dividendo. Vocês têm dividendo mínimo obrigatório de 10% sobre o capital social, e isso seria algo em torno de R\$597 milhões, R\$600 milhões por ano; e também uma concentração de vencimentos este ano e nos próximos anos também bastante importante. Você tem o lado que poderia sugerir uma desalavancagem mais acelerada da Companhia, mas, nós nossos cálculos aqui, se considerarmos esse dividendo anual de R\$600 milhões e mais alguma amortização pesada, em algum momento vocês terão que fazer uma captação, nas nossas estimativas, de mais ou menos R\$1 bilhão, R\$1,2 bilhão aproximadamente.

Vocês já estão olhando alguma coisa em relação à captação de dívida ou vocês pretendem, na verdade, de alguma forma, reduzir esse dividendo a ser pago? Essa é uma questão.

A segunda questão é em relação a preços de longo prazo. Vamos esquecer a parte de ativos que vocês vão ainda depender da questão da renovação das concessões, mas o que vocês já estão observando no mercado em relação a preços de longo prazo? Recentemente, vimos algumas empresas do setor já sinalizando preços na faixa de R\$130, R\$135. Vocês também têm observado isso, ou ainda tem sentido que os preços estão em faixas inferiores? São essas duas perguntas. Obrigado.

**Wilson Nunes:**

Começando pela segunda pergunta, de preço, essa é exatamente a faixa que nós temos observado, entre R\$130 e R\$135. Não vemos, por enquanto, uma grande mudança. Esse é o preço que nós estamos conversando com clientes e sentimos que é um preço que o mercado poderia trabalhar e aceitar.

No que diz respeito ao fluxo de caixa e aos pagamentos entre amortização e dividendos, o número aí colocado, de R\$600 milhões, arredondado por vocês, é um número elevado para a geração de caixa da Empresa, porque se você somar R\$600 milhões mais a amortização prevista para 2010 e para 2011, é um número elevado, e consequentemente nós teremos, sim, que ir a mercado.

Já começamos realizar estudos internos aqui para ver a melhor forma de captação de recursos. Então, sem sombra de dúvida, no ano que vem nós iremos a mercado.

**Marcos:**

Só para complementar essa questão da dívida: vocês têm um problema, que na verdade não é culpa de vocês, que é a questão das concessões. Então, essa operação que vocês estão começando a analisar e a estruturar, o que é que seria prazo e o que é que seria para ter uma idéia de custo? Está sendo exigido algum prêmio em função desse fator de risco, que é talvez em um cenário de não renovação



de concessão, que na minha hipótese aqui, na minha cabeça é um cenário totalmente afastado? Ou devemos trabalhar com prazos mais curtos? Enfim, como vocês estão sentido isso em relação ao problema da concessão e à necessidade de captação de recursos?

**Wilson Nunes:**

É exatamente isso que nós estamos estudando e analisando. O prazo frente a indefinição da renovação de concessões, e como é que seria o custo dessa captação e qual seria a melhor forma de captação. Ainda não temos uma posição, mas é este exatamente o ponto que está sendo considerado nesses estudos.

**Marcos:**

OK. Obrigado.

**Gustavo Gattass, BTG Pactual:**

Bom dia, pessoal. Eu tenho duas perguntas rápidas. A primeira delas diz respeito à questão de contratação de vocês. Eu queria entender um pouco, porque no mercado a gente tem visto que vocês têm tido um pouco mais de venda spot, vocês têm tido uma demanda de industrial que parece um pouco mais fraca, e não está muito claro para mim se vocês podem aproveitar um pouco disso no ano que vem para o leilão de ajuste ou não. Eu queria entender um pouco como está a cabeça de vocês quanto a isso.

E a segunda questão, eu queria só colocar, em setembro, em um cenário estável de câmbio até o final do ano e aí setembro, evitando-se a possibilidade de ter alguma confusão extraordinária legal, vocês hoje estão enxergando o pagamento de dividendos para este ano como algo que pode acontecer? É um negócio que vocês estariam até pensando em exceder, ou trabalhar diferente da política, ou vocês hoje tem algum temor do lado da avaliação de ativos do final do ano como sendo essencialmente alguma coisa que pode acabar com *default* de volta?

**Wilson Nunes:**

Indo primeiro para a pergunta em relação à disponibilidade de energia, nós não podemos entrar em um leilão, porque isso é sobra contratual. Nós temos que ficar mesmo no mercado a curto prazo, na liquidação da CCEE.

No que diz respeito a eventuais ajustes, principalmente internos, quando publicamos o balanço no ano passado, havia lá um alerta de que eventualmente, algum ajuste futuro ainda poderia acontecer. Nós não temos um cálculo disso porque os grandes indicadores serão definidos juntamente com a auditoria externa, seja risco soberano, prêmio de risco, e são coisas ainda que temos que ver.

Não se sabe ainda bem, e sempre vem surpresa no fim do ano, se vai haver um critério para avaliação de ativos na parte de geração de energia. Por exemplo, poderia haver um critério que seria custo de reposição, e com isso qual, que seria a diferença entre custo de reposição e o critério que foi usado no ano passado.



Nós não temos ainda hoje essa sensibilidade, não. No entanto, já no ano passado alertávamos que eventualmente teríamos um ajuste futuro. Então, infelizmente, por enquanto nós não temos uma resposta a sua pergunta.

**Gustavo Gattass:**

Está ótimo. Só para dar uma continuidade, você acha que existe alguma possibilidade de trabalhar mais na direção do custo de reposição mesmo, ou você só levantou isso como possibilidade que apareceu na cabeça agora?

**Wilson Nunes:**

Poderia repetir, por favor?

**Gustavo Gattass:**

Queria só entender se essa possibilidade de trabalhar com custo de reposição como um balizador, por exemplo, para o custo de Porto Primavera, se isso foi só um exemplo aleatório ou se alguma coisa que realmente que vocês imaginam que é possível ao final do ano para o teste de *impairments*.

**Wilson Nunes:**

Não, não há definição nenhuma com relação a isso, e nem temos notícia de que isso está sendo discutido, por exemplo, na ANEEL, que seria quem iria definir isso.

Por enquanto, a regra é a que vigeu o ano passado. No começo deste ano, havia uma informação de que a ANEEL definiria essa regra até junho. Como já se passaram cinco meses e não houve definição, então, por enquanto não há nenhuma perspectiva de mudança de regra.

**Gustavo Gattass:**

Está ótimo. Muito obrigado.

**Alexandre Kogake, Banco Espírito Santo:**

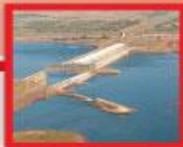
Bom dia. Na verdade, eu queria usar um pouco a experiência de vocês na construção de grandes empreendimentos, queria saber em relação ao projeto de Belo Monte. Vocês deram uma olhada no projeto. O que acham da complexidade da construção? E qual seria eventualmente a opinião de vocês em relação ao agendamento de início de operação, aos custos e ao preço de venda de energia. Obrigado.

**Wilson Nunes:**

Bom, Alexandre, nós não olhamos os detalhes de Belo Monte. Sou sincero em lhe dizer que desconhecemos totalmente o projeto, e aí fica difícil de emitir uma opinião. Nós não temos uma opinião sobre Belo Monte, assim como não tínhamos sobre Jupia, a Jupia Jirau, e conseqüentemente Santo Antônio. Nós não temos, não.

**Alexandre Kogake:**

OK. Obrigado.



**Wellington Bahnemann, Agência Estado:**

Bom dia a todos. Eu tenho duas perguntas, na verdade. Uma seria sobre a questão do blecaute que tivemos essa semana. Eu queria entender como isso afetou as operações da CESP, se provocou algum tipo de prejuízo, e qual que foi a avaliação da Companhia sobre esse episódio.

E a outra seria sobre a questão do endividamento e dessa captação. Pelo o que eu entendi, vocês vão amortizar R\$950 milhões em 2010 e mais R\$950 milhões em 2011, é isso? E nessa captação, vocês estão imaginando o que seria nota promissória, debênture? Tem algum modelo que vocês acham mais interessante nesse momento? Seria isso. Obrigado.

**Wilson Nunes:**

Com relação ao endividamento, não. Nós temos uma posição. Ao longo dos próximos meses é que nós vamos definir a modalidade. Então, hoje não temos posição nenhuma.

No que diz respeito ao blecaute, não afetou em nada a Empresa, não tivemos qualquer problema técnico. A nossa opinião sobre o blecaute é como qualquer outra empresa do setor elétrico, é aguardar o posicionamento do ANS e da ANEEL. Nós não temos uma opinião individual do setor. Aguardamos a posição oficial da ANEEL e da ANS.

**Wellington Bahnemann:**

Só para confirmar, na questão da amortização da dívida, R\$950 milhões em 2010 e mais R\$950 milhões em 2011? Correto?

**Wilson Nunes:**

O valor certo de amortização do principal é R\$936 milhões em 2010 e R\$886 milhões em 2011.

**Wellington Bahnemann:**

OK. Obrigado.

**Operadora:**

Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas para jornalistas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Wilson Nunes para as considerações finais. Sr. Wilson, pode prosseguir.

**Wilson Nunes:**

Agradecemos pela participação. Informamos que o nosso release de resultados traz mais detalhes sobre os resultados e está disponível no nosso *website* de Relações com Investidores, e a nossa equipe que está à sua disposição pelos meios de contato constantes no último slide.



Muito obrigado. Convidamos a todos para participarem da teleconferência em inglês, que deverá iniciar às 12h. Muito obrigado.

**Operadora:**

A teleconferência da CESP está encerrada. Gostaríamos de agradecer a participação de todos. Tenham um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”